

ESPAÇO E CULTURA – ARQUITECTURA NO CICLO MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES

Gonçalo Furtado, José Bártolo, Vítor Silva, Vítor Neves, Ricardo Carvalho, Nuno Grande, Bruno Gil

a

O ciclo “Múltiplas Percepções”, que há uns meses anima a “Casa dos Dias da Água” em Lisboa, concedeu a sua quinta sessão à Arquitectura sob o comissariado de Gonçalo Furtado.

A sessão centrava-se “na Arquitectura e na sua dimensão cultural, artística e científica. Pretendia debater a actual projecção do fenómeno arquitectónico no espaço mediático, e o papel que a Crítica de Arquitectura pode ter actualmente no seio da cultura portuguesa.”

O mote “Espaço e Cultura” interpelara Nuno Grande, Vítor Silva, Vítor Neves, Bruno Gil e Ricardo Carvalho a lançar tópicos para uma mesa redonda que pudesse dilatar-cruzar o debate disciplinar no campo lato da Cultura.

Uma dúzia de parágrafos, previamente trocados via Net pelos vários intervenientes, construíra o vago mapa colectivo que pautaria a discussão.

b

Parece infundável enumerar as problematizações para que somos remetidos quando associamos os termos “Espaço” e “Cultura”. Começando pelas imediatas: dos espaços da cultura, à cultura do espaço, da essência artística do projecto à intervenção cultural da construção, da transmissão disciplinar à tarefa da crítica arquitectónica, e por aí adiante...

Talvez por isso no encontro de Gonçalo Furtado, o organizador José Bártolo, Nuno Grande, Vítor Silva, Vítor Neves, Bruno Gil e Ricardo Carvalho na Casa dos Dias da Água se tenha procurado, mais que um debate obtuso, a circunscrição generosa de tópicos, a sobreposição especulativa de opiniões, e o desvio das formalidades disciplinares.

Um debate que fugisse à fórmula estereotipada da: “palestra-monólogo – aplauso – debate – pergunta – resposta – agradecimentos finais”.

Três horas de conversa sobre Arquitectura, paralela ao silêncio de uma tarde de domingo e alguns (poucos) amigos, que na ausência de “registo”, justifica também este curto anotamento espontaneamente escrito pelos intervenientes. Suposto balanço, que a organização lhes solicita, mas que a seu ver permanece provisório ou, pelo menos, conscientemente inconclusivo.

Porque é difícil abarcar a globalidade das várias visões, e a grande distância que vai entre o que se fala, a ideia que fica, e a estaticidade do registo escrito.

Mas que outra possibilidade restaria, quando a própria disciplina atravessa um momento em que a sua esfera é sobretudo conformada pelas palavras do público “exterior”, pelas imagens da omnipresença mediática, pela mediação cultural da sua prática, pelo protagonismo ditatorial da sua crítica?

Nenhuma que não a possibilidade de expeditamente compilar ideias na sua mais radical transitoriedade.

c

Poderíamos começar, de um ponto de vista simplificado, por entender a "Cultura" enquanto definição de uma produção humana de ruptura com o animico e animalesco. Ai a relação com a Arquitectura era fácil, já que tradicionalmente esta surge como mediação da relação com o mundo, e portanto um acto profundamente cultural. Projecto enquanto acção violenta que sempre ocorre quando se assegura um lugar apreendendo geometricamente o território da terra.

Mas a ideia precisa de "Cultura" surge como construção categórica específica do séc. XVIII, tendo-se exponenciado na, simultaneamente difusa e controversa, omnipresença actual do termo.

Obviamente que falar de "Cultura" resvala hoje para pretensiosismos dúbios.

Mas também "Problematizar a cultura não implica defender a incultura ou a barbárie (...) Nada nos é mais distante do que o gesto daqueles que nos anos 30, puxavam da pistola ao ouvir a palavra cultura, e que hoje puxam do livro de cheques.

No fundo é uma palavra como outra qualquer, que se opacificou demasiado pelo excesso de uso, que se tornou excessivamente imperialista, e que seria preciso reduzir à sua justa dimensão." (Bragança de Miranda, 2003)

De facto, se hoje assistimos a uma banalização do conceito, tal não deve menosprezar as reflexões que esse pode motorizar. (Sobretudo quando nos deparamos com uma época tardo-capitalista pós-moderna onde a realidade se tornou fugidia, situação bem expressa na efemeridade, obsolescência, imagética, nomadismo, desfragmentação, etc, que em grande parte caracteriza a produção arquitectónica actual.)

Por um lado, um pensamento sobre a Cultura deveria contornar alguma sobre-intelectualização que por vezes desvinculam a Teoria da acção quotidiana. E no âmbito deste debate a espontaneidade do pensamento e discussão surgiu como a melhor estratégia para uma cartografia não-totalitária dirigida à acção arquitectónica, que provenha da sobreposição de contributos variados que persistem mesmo se antagónicos.

Por outro lado, um debate sobre a Cultura deveria ser mais "Pós-moderno", no sentido em que a relação Arquitectura-Cultura se observa aqui com caixa-de-ferramentas transdisciplinar. No âmbito deste debate procurou-se contornar o mero e arqueológico discurso cultural sobre Arquitectura reduzida a fetiche estético – que fomenta a sua actual sobre - institucionalização nos museus, no mercado e nos media – e frequentemente fragiliza o seu papel social na instrumentalização que sofre no espectáculo público.

A sobre-estetização é o que assalta a aparente diversidade da Arquitectura contemporânea em comum marcada pela submissão a múltiplas forças e invisibilidade da dimensão política do projecto.

d

Assim, e desde logo, que se poderá indagar quanto aos espaços da cultura e sua dimensão icónica? Ou sintetizando: "Num momento em que os espaços culturais (Museus, Centros culturais, Concert halls, Bibliotecas, etc.) se transformam em ícones mediáticos, como podem os mesmos problematizar a natureza icónica da cultura? Nestes espaços, qual o papel do arquitecto, do curador, do crítico e do utente? Os espaços culturais podem ainda ser laboratórios para a experiência criativa contemporânea e para a sua própria fruição?"

Assistimos ao paradoxo dos Espaços Culturais Contemporâneos.

Quando, ao longo das últimas décadas, se torna frequente que as produções artísticas e arquitectónicas divirjam relativamente ao seu propósito sociológico, emerge em polémica o protagonismo dos actuais equipamentos culturais.

Recorde-se como nos convulsivos anos 60 mutuou o entendimento da função social da Arte nos seus criadores e promotores; exponenciando a conceptualização, a libertação de suportes tradicionais e circuitos institucionais, etc. que ainda se verifica na actividade mais contemporânea.

A dessacralização do objecto de arte em prole do processo criativo, constituiu uma aproximação ao quotidiano da vida social e a site-specifics (como o espaço público da cidade), que abalam a exclusividade do Museu e sua aura. Registou-se, no entanto e paradoxalmente, uma enorme encomenda pública de equipamentos culturais a um star-system arquitectónico mediático, que mediatiza e serve o marketing político urbano e regional pós-industrial. Um cruzamento de políticas culturais e urbanas que podemos sintetizar como "efeito Beaubourg".

Talvez hoje, apesar de qualquer vanguarda pressupor a sua absorção pelo poder arquivístico e institucional do Museu, persista ainda este desalinho relativamente ao propósito social das posições da Arte e Arquitectura, que alimenta múltiplas controvérsias entre artistas, curadores e arquitectos. Controvérsias que centralizam a questão: como pode o Espaço Cultural contemporâneo conciliar o seu papel de ícone cultural (enquanto contentor arquitectónico) com a sua condição problematizadora do carácter icónico da cultura (enquanto conteúdo artístico)? Em certo sentido, como pode ser um produto da iconografia e simultaneamente promover uma programação marcadamente iconoclasta?

e

Obviamente que os Equipamentos culturais são apenas um dos sismógrafos de certos fenómenos que assaltam a Cidade.

Porque dificilmente a Cultura arquitectónica se restringe à singularidade dos seus programas, muito menos edifícios. Se assim fosse corríamos o risco (como afirmou Bataille) de procurar o Museu como um espaço de sacrificio (semelhante ao Templo, etc.). Um espaço sacralizado, desvinculado do real quotidiano, cada vez mais manipulador e autoritário.

A frequência com que a discussão da constituição espacial da Cultura se reduz aos Equipamentos nunca é

suficiente para atrofiar a realidade da cultura em que toda a Cidade assenta e produz.

Para lá dos programas-equipamentos arquitectónicos, a cidade constitui-se como veículo cultural. (Hoje ainda mais devido à sua mediatização televisiva, etc.)

Se fosse possível aferir a “produtividade cultural” de uma construção, onde escalaríamos os ícones do star-system em relação à construção anónima e todo o conhecimento e significado que a tradição aporta.

A própria cidade, na caótica realidade advinda de viver tempos distintos (materiais, sociais, ideológicos, etc.), é a mais notável expressão da cultura em potência.

Se tomarmos o contexto actual, em que o termo “cultura urbana” se tornou omnipresente, tal requereria-nos “per si” contemplar uma existência múltipla e diversa.

De facto a realidade de uma cultura urbana sempre passa por percorrer o espectro dos lugares habitáveis – da casa ao centro comercial – numa histórica tradição que se baseou na tensão entre o espaço público e as células habitacionais. (No aforismo de Vilanova Artigas “A casa é uma cidade e a cidade é uma casa”)

Apele-se pois, como necessário, a uma cultura do espaço (e no espaço urbano) “tout court”.

f

É interessante que algumas das mais acutilantes abordagens e críticas arquitectónico-urbanas venham dos cruzamentos fronteiriços da disciplina. Local onde uma distância relativa permite abordagens suficientemente críticas daquilo que pressupomos e pressentimos numa condição de percepção “aproximada”. E um conjunto de questões surge ao atendermos a subtemas decorrentes desse espaço, como a sua “estriagem”, “inflexão” e “limite”, ou ao “nomadismo”, “transmissão” e “migração” que nele pode ocorrer.

Mas que relação possui a Arquitectura com a Arte e que casamentos se estabelecem no território da cultura.

Podemos dizer que Arte e Arquitectura participam de uma mesma condição imagética. Reconhecer a função da Arquitectura significa extrair ao regime das imagens uma intenção e um uso. Reconhecer a Arte implica reiterar o regime das imagens como um saber que não se sabe bem o que é.

A relação entre o espaço e a imagem dos espaços confina com uma dimensão operativa das imagens cuja “eficácia visual” constitui uma exigência da memória. Memória individual e memória colectiva pressupõem a existência de um facto antropológico: a produção de uma mnemotécnica primordial através da qual se configura a hipótese de um “código” de transmissibilidade cuja função social permite consolidar regras, modelos operativos e fórmulas expressivas.

As imagens são “factos” que sobrevivem no movimento da cultura: podendo constituir uma regra, bem como suscitar a excepção. Confiança e desconfiança, pacificação e violência.

A “hyie” grega ou a “imago” romana colocam o problema da imagem na relação directa com o espaço, quer sagrado, quer cívico, no qual se imaginam as forças e as fraquezas do seu resgatado poder. As imagens detêm

por isso uma vida póstuma muito para além da sua conservação técnica: detêm um tempo e um espaço com os quais se incorpora a actualidade da memória.

O espaço e a cultura são planos que se conjugam de diferentes maneiras sugerindo e consolidando modelos, modos históricos e processos de pensamento. Se o espaço está em primeiro lugar, a cultura é a razão teórica do “código” (ética) que o habita. Se a cultura está em primeiro lugar, o espaço é a razão prática (política) que a afecta e a sujeita a tornar-se outra coisa que ela mesma.

A Arte formula-se, então, como “espaço” ignorado – pathos ignorado; como crítica do espaço e da cultura, ou seja, como medida de uma errância compreendida entre a regra (conservação, património) e o vazio (substancia e plenitude da memória).

Será que o saber que não se sabe da Arte permite medir o saber e o poder que dita as formas e os espaços da cultura? A crítica (e a teoria) da Arte e da Arquitectura será uma mediação ou uma confrontação intrínseca dessa medida efémera da cultura que sabe o que quer mas não se sabe medir? Não será o panorama da divulgação cultural, ela mesmo um efeito da errância e da desmesura política?

A cultura consiste numa exigência terapêutica colectiva, numa exigência que faz das imagens uma promessa de errância política. Uma errância de catarse só comparável à lógica do mercado liberal, ou seja só comparável à promessa, não discutível, dos benefícios da democracia.

Os espaços e as culturas formam hoje a actualidade de um espectáculo indistinto.

A Arquitectura e a Arte são imagens reféns desta indistincção politicamente prometida pelo “serviço público”, função com a qual se confunde a consagração de uma substância única: a lei do consumo e do mercado.

g

Interessa pois, numa perspectiva pós-estruturalista, problematizar o espaço mediático da cultura arquitectónica e da sua reproduzibilidade. As exclusões do discurso que historicamente constituíram a disciplina e os mecanismos de transmissão e ensino-aprendizagem da instituição.

Raras publicações apoiam a dissipação da Crítica, e absorvem a divergência para possibilitar a livre opinião analítica. Para além das inúmeras publicações hoje existentes no país, poucas constroem uma extroversão permanente no debate da arquitectura.

Poucas academias existem de “projecto integrativo, projecto que se faz não apenas no estirador, mas também na sala de conferência, (...) no debate” (Varela Gomes, 2000). Que debatam na contemporaneidade a figura de um arquitecto generalista ameaçado pela especialização; dotado de “comunicabilidade”, consciência crítica e capacidade inclusiva em projectos coerentes, longe da frieza hermética e superficial da supra-especialidade.

Surgem outras academias, na juventude da motivação, que traçam tendências a par das que contam com seus pesos culturais.

Também aí, como no terreno, a Arquitectura dá forma ao futuro, sendo necessário fomentar plataformas críticas, não só de revisão de conceitos como de inclusão de diversidade.

h

Conscientes de que o fenómeno arquitectónico é veículo de cultura, e de que a Crítica e Teoria arquitectónica podem ser protagonistas de um fenómeno cultural significativo, talvez interesse uma Crítica à Crítica.

Interessa aprofundar um debate que contorne a exclusividade da atenção aos canais (de comunicação) que divulgam a Crítica de Arquitectura, em benefício da atenção ao impacto da Crítica dentro do fenómeno arquitectónico contemporâneo. Porque a práxis da Crítica-Teoria envolve uma postura teórica e ética, e na maioria das vezes revela-se excessivamente hirta, egoísta e tendenciosa.

Se o fenómeno arquitectónico é ou pode ser uma referência cultural na sociedade contemporânea (o que só em si já é duvidoso...), resta saber que "sedução" comportará a teoria-crítica na sociedade e nos Arquitectos?

Obviamente que a resposta encontra sentido se sobretudo analisar, mais que o conteúdo, os media com a sua predadora disseminação e sujeição ao interesse dos grupos de poder do "status quo".

Certo é que a Arquitectura desde que existe que tem servido o poder (seja lá o que isso for). Controlando o corpo e determinado a sua experiência com as inscrições espaciais dos seus protocolos.

Perante o novo contexto da "globalização" como novo atractor universal, torna-se agora pertinente re-problematizar o papel sócio-cultural da Arquitectura. Discutir se a Arquitectura como outras Artes, deterá a capacidade para gerar qualquer revolução ou transformação que seja, ou se, por outro lado, não é na sua virológica autonomia que poderá encontrar franjas marginais de intervenção ou participação crítica.

Certo é que, (como de certa forma acentua Bragança de Miranda), quando o próprio discurso sobre a cultura, é uma crise tornada "amostra", a resposta só pode ser política.

Quando tudo é filtrado pelos crivos do "status quo", mais que necessário é urgente uma Crítica da Crítica, provavelmente ainda possível na ambígua marginalidade dos circuitos independentes que se criem. Quer seja na Casa dos Dias da Água ou nas Academias (Porque as discussões como premissa de transformação fazem-se "dentro". Na impossível fuga à integração mediática, no necessário reforço teórico do projecto, na valorização da crítica na comunidade profissional – será possível uma Arquitectura que especule sobre percursos alternativos aos da actual Cultura?)

Gonçalo Furtado:

Licenciado pela FAUP e mestre pela ETSAB de Barcelona, tendo frequentado o IAAS em Veneza e sido investigador na AA de Londres.

Docente da FAUP tendo sido crítico na ETSAB e UPF de Barcelona, Bartlett de Londres, Serralves, etc.

Foi comissário de eventos na Experimenta Design, UP, etc. e reviewer do Colóquio ACSA de Helsinquia.

Publica regularmente, integrando o editorial das revistas NADA e W-art, e é autor de "Notas sobre o espaço da técnica" (Mimesis, 2003), etc.

Nuno Grande:

Licenciado pela FAUP e doutorando pela FCTUC.

Docente na FCTUC.

Foi programador na área de Arquitectura e Cidade no Porto 2001 – Cidade Europeia da Cultura e é co-responsável pelo Pelouro da Cultura da OASRN.

Publica em revistas da especialidade e é autor de "O verdadeiro mapa do universo" (Ed.arq-FCTUC, 2002)

Ricardo Carvalho:

Licenciado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

Docente no departamento de Arquitectura da Universidade Moderna de Lisboa.

Publica em revistas da especialidade e foi editor do JA – Jornal dos Arquitectos entre 1998-2000

Crítico de Arquitectura do Publico.

Victor Neves:

Licenciado pela universidade de Lisboa e doutorado pela ETSAB de Barcelona

Docente na Universidade Lusíada de Lisboa

Publica nas revistas da especialidade e foi director da revista Arq./a até recentemente

Exerce actividade liberal, tendo realizado várias conferências sobre temas teóricos ou sobre a sua obra projectada.

Bruno Gil:

Aluno finalista do Departamento de Arquitectura da FCTUC

Membro da equipa fundadora da Publicação NU (Abril 2002) de que é director desde Abril 2003.

Vitor Silva

Licenciado em Pintura ESBAP e Doutorado pela FAUP

Docente na Faup desde 1987

Prepara edição de "Ética e política do desenho" (Editorial FAUP, no prelo) e integra o editorial da revista PSIAX

A sua última exposição individual foi intitulada "Cabeças, troncos e nervos" na galeria estéril do Porto.